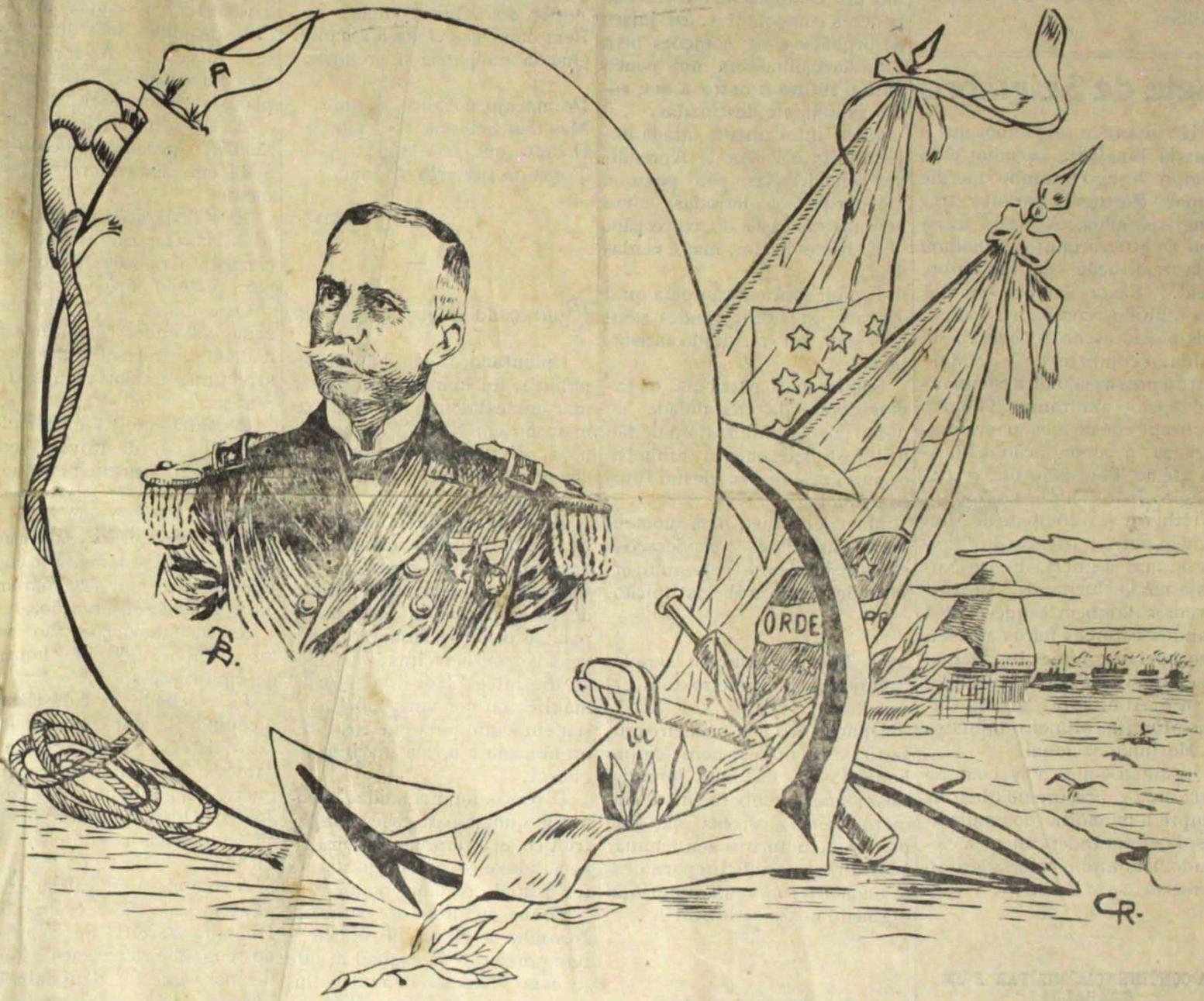


## 12 DE OUTUBRO



O dia 12 do corrente mez festejou o seu anniversario natalicio o illustre Vice-Almirante Alexandrino Faria de Alencar, digno titular da pasta da Marinha.

S. Exa. tem sido o remodelador da nossa marinha de guerra: imprimindo-lhe o cunho necessario de eficiencia, adestramento e homogeneidade nunca alcançado entre nós, e expresso na já popular divisa de—*Rumo ao mar!*

E na sua lucida, incansavel e patriótica faina de collocar em plena evidencia o nosso poder naval, não tem

esquecido o nosso porto—o mais estrategico da costa do sul brazileira—dotando-o com bons elementos, que ampliados como é desejo de S. Exa. transformal-o-hão em uma verdadeira e segura base de operações.

Deste modo o nosso porto tomará de facto e de direito o justo titulo de—*Chave do Brazil meridional*

O *Marujo*, pois, interpretando os sentimentos da Escola de Aprendizes Marinheiros de Santa Catharina, de que é modesto orgão, apresenta a S. Exa. os seus respeitosos cumprimentos.

## EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para *O Marujo* devè ser dirigida á Escola de Aprendizes Marinheiros, no Estreito, ao 1.º tenente Lucas Alexandre Boiteux.

*O Marujo* publica-se mensalmente e tem por unico fim desenvolver entre os Aprendizes Marinheiros de Santa Catharina, o amor á Patria, ao estudo e ás nossas gloriosas tradições, e cultivar rigorosamente o espirito militar.

## Sete de Setembro

Ha oitenta e seis annos que a Patria brasileira sacudio para sempre o jugo ferrenho que lhe impoz Portugal durante tres longos seculos. A nossa marinha de guerra muito trabalhou pela realizacão de tão nobre ideal. Basta lembrar-mo-nos dos renhidos combates dos navios patriotas no reconcavo da Bahia, o combate de 4 de Maio entre a nossa esquadra commandada pelo almirante Thomaz Cochrane contra a esquadra portugueza, a perseguição da mesma até ao Tejo pelo bravo marinheiro João Taylor na fragata «Nichteroy», o combate de Montevideo entre a divisão do Capitão de mar e guerra Pedro Nunes e navios luzitanos. Não nos devemos tambem esquecer dos grandes esforços feitos em seu favor pelos grandes brasileiros José Bonifacio de Andrade e Silva e Almirante uiz da Cunha Moreira, primeiro ministro da Marinha nacional.

Orgulhemo-nos, pois, com tão bella data e procuremos honrar sempre a memoria dos palladinos da nossa Independencia elevando bem alto o nome glorioso de nosso caro Brazil.

— « —

### A CONTINENCIA MILITAR É UM TRABALHO!

Vejamos. Por frequente que seja, um marujo faz continencia umas trinta vezes por dia, no minimo.

Cada continencia durando proximamente cinco segundos, no fim de 10 annos de serviço, terá feito 109.500 continencias empregando nellas 152 h, 5 m.

Se levarmos em conta que o braço de um homem peza mais ou menos 1 k 1/2, encontra-se que com o conjunto de todas as continencias, o marujo levantou o peso de 164.250 kilos.

## «Marujo» e a Escola

Completa hoje o seu 51.º anniversario de fundação, este estabelecimento naval de educacão a quem o nosso Estado muito deve, pois graças a elle innumeradas crianças desvalidas foram arrancadas da senda nefasta da perdição e encaminhadas pelo caminho do trabalho honrado e util.

Muitas outras que por ahi vagam a mercê da sorte adversa bem podiam ser guiadas para tão util estabelecimento, se os poderes competentes, os juizes de orphãos e os coraçoes bem formados olhassem um pouco para o futuro sinistro a que estão fatalmente destinadas.

Mas, infelizmente, ainda hoje são as Escolas de Aprendizes consideradas pelo povo, e até por pessoas letradas, como verdadeiras casas de correcção.

E' triste dizel-o, mas é verdade!

E aqui está a razão pela qual gasta o governo grandes sommas sem um resultado satisfatorio.

São os mais patriotas, os exploradores da credulidade do nosso povo, que affastam de tão util estabelecimento milhares de infelizes, dignas de um futuro melhor.

Mas deixemos, por momentos, estas tristes considerações e nos rejubilemos pelo anniversario desta tão util instituição.

\*

O «Marujo» tambem completa hoje o seu primeiro anniversario.

Difícil foi o seu primeiro cruzeiro pelos mares, nem sempre bonançosos, das lides jornalisticas, mas, embora modestamente, temos certeza que elle procurou cumprir o seu lemma: Instruir o marinheiro para deste modo termos uma marinha digna do nosso caro Brazil.

— « —

## O MARUJO

O marujo, confiante  
No poder de seu labor,  
Vae da terra bem distante  
Cantando trovas de amor.

Em pensamento diverso  
Passando a vida a sonhar  
Em saudade sempre immerso,  
Pensa na terra, ama o mar.

Si as aguas correm em bonança,  
Sem um temor despertar,  
O canto modula espra'ança  
De bem cedo ao lar voltar.

E no navio a boiar  
Dos mares sobre a amplidão,  
Vae elle sempre a cantar  
Saudades do seu torrão.

Em noites de branca lua  
O pensamento revê  
Tudo que n'alma fluctua;  
Canta mais, espera e crê.

Canta do mar a grandeza,  
Canta da lua o fulgor.  
Canta com orgulho a certeza  
Que lhe inspira um casto amor.

Si um paiz já distante  
A flor dos labios colheu...  
Bem depressa canta a amante  
Que lá na patria o prendeu...

Do marujo é franco, é rude  
Mas tem bellezas sem par  
O canto que no alaúde  
Toma os rumores do mar.

Marina

— « —

## Couaçado Minas Geraes

Ostentando o pavilhão da Republica, foi hontem lançado ao mar dos estaleiros da casa Armstrong, em New-Castle on Tyne, o primero dos tres couraçados em construcção para o Brazil.

Ha muitos annos que se fazia sentir a necessidade de reorganizar a nossa esquadra, dotando-a de elementos capazes de assegurar a defesa do paiz; e o povo brasileiro, sem veleidades guerreiras, mas cioso da integridade da Patria, manifestou por varias fórmas o seu empenho para que fosse reorganizada a nossa marinha de guerra.

Diversas municipalidades votaram quotas para esse fim patriotico e a imprensa, com especialidade o nosso jornal se fez echo do reclamo popular.

Coube ao almirante Julio de Noronha a gloria de iniciar a reorganização da esquadra, que teve no saudoso deputado fluminense Dr. Laurindo Pitta, o mais vigoroso defensor.

O almirante Alexandrino de Alencar, ao substituir na pasta da marinha o almirante Noronha, modificou, autorizado pelo Congresso, o programma do seu antecessor, para dar ao Brazil os mais poderosos vasos de guerra.

Tem o nome de «Minas Geraes», o formidavel navio que caiu hontem ao mar e do qual tanto se tem occupado a imprensa estrangeira.

Era desejo que a cerimonia

do lançamento se effectuasse na data da nossa independencia mas a falta de maré sufficiente obrigou o seu adiamento para o dia 10.

O «Minas Geraes», que é o mais poderoso navio até hoje construido, tem os seguintes caracteristicos:

Deslocamento 19.280 toneladas, marcha, 21 nós, armamento 12 canhões de 12 pollegas, 22 de 4,7 pollegadas e oito de 47 m/m.

Os canhões de 12 pollegadas estão collocados aos pares em seis torres, collocadas quatro na linha de quilha, indo duas avante e duas a ré. As torres posteriores acham-se collocadas em plano superior ás anteriores.

As duas torres restantes estão dispostas em escalas em BB e BE em plano inferior as primeiras.

Essa disposiçao permitta que o «Minas Geraes» atire com 10 canhões para cada bordo e oito para prôa ou pôpa.

Os canhões de 4,7 pollegadas estão collocados 14 em uma cidadella central e oito na super-structura, em dois planos diferentes.

O canhão de 4,7 é destinado a repellar os «destroyers», sendo o Brazil a primeira potencia que adoptou esse calibre, agora tambem adoptado pelo Japão.

O «Minas Geraes» possui um mastro e duas chaminés e é dotado de uma torre de commando e uma de observação.

As accomodações são vastas, comportando 900 homens de equipagem.

Já se acham em New-Castle, o capitão de mar e guerra João Baptista das Neves, commandante, e o capitão de mar e guerra engenheiro machinista José de Oliveira Gomes Junior, chefe de machinas do novo couraçado.

A commissão naval na Europa, tem por chefe o almirante Huet de Bacellar e é composta dos engenheiros navaes capitão de mar e guerra Benjamin Ribeiro de Mello, capitães de fragata Antonio Maximo Gomes Ferraz e Herculano Sampaio, capitães de corveta Rosauero de Almeida, Bartholomeu de Souza e Silva e Eduardo Gomes Ferraz, capitães-terentes Godofredo Arthur da Silva, Carlos Alberto Tinoco da Silva, Vital Brandão Cavalcanti, Emilio Julio Hess e Luiz Gastão Lavigne.

(Do Paiz)



## CÕES DA VIDA PRÁTICA

(Continuação)

X

A «Terra» gira sobre si mesma rodando ao mesmo tempo em torno do sol, á semelhança de um dansarino valsando em ta de uma sala. O dia e a noite são o resultado deste movimento, pois se a «Terra» se movesse immovel, o sol a alumina sómente em uma

rotacão da «Terra» sobre si mesma em 24 horas, e a noite em 24 horas, e o dia e a noite, e o movimento em roda do sol em 365 dias e seis horas, que compõem o anno. Estas horas são divididas de quatro em quatro annos prefazem um novo anno com os outros 365 annos o anno chamado «bissexto».

XI

A «Lua», como já dissemos, é um satellite da «Terra»; e, como o «Sol», levanta-se e depara para nós, isto é: apparece e apparece todos os dias — e não gasta mais 49 minutos do «Sol» a fazer a sua rota; por isso só consegue chegar d'onde parte de 28 dias; a este periodo dá-se o nome de «luna» — e é que se chama — mez.

A «Lua» é 49 vezes menor que a «Terra»; não tem luz propria, e transmite tão fraca luz que recebe do sol que nos sentimos o menor «calor». Os astrónomos affirmam que ella é montanhosa como a

«Terra», mas que não tem agua, e que por isso não póde ser habitada como o nosso globo ou pelo menos pelas mesmas especies de viventes da «Terra».

A «Lua» nos apresenta nas mesmas «phases» a mesma face, com as mesmas manchas nos mesmos pontos, o que prova que ella tambem gira sobre si mesma andando em volta de nós, do mesmo modo e com o mesmo movimento duplo que tem a «Terra».

Quando a «Lua» se acha entre o «Sol» e a «Terra», torna-se invisivel para nós, porque a face que nos apresenta não recebe a luz do Sol; é então que se chama «Lua nova». Depois, mudando de posição, ao cabo de sete dias apparece sob a fórma de um «meio circulo», porque nos volta a face esclarecida pelo «sol», é então que toma o nome de «quarto crescente». No decimo quinto dia a «Terra» acha-se entre o «Sol» e a «Lua» e esta nos volta toda a face illuminada, o que produz a «lua cheia»; no vigesimo segundo dia torna a apparecer, sob a fórma de um «semi-circulo», mas desta vez com a parte escura voltada para o lado opposto, é o «quarto minguante». Sete dias depois desaparece, para de novo recommear essas evoluções, ás quaes se dá o nome de «phase».

Quando a «Lua», no seu giro, passa entre o Sol e a Terra, e encobre quasi completamente o Sol, produz o que se chama um «eclipse». Porém como a Lua é menor que a Terra e muito menor ainda que o Sol, o eclipse só abrange um pequeno espaço de terra.

Se o eclipse é total, vê-se a superficie do Sol chanfrada pela borda da Lua; esse chanframento vai pouco e pouco aumentando, até que o Sol apresenta a figura de um «crescente», para depois sumir-se completamente. Então a Terra mergulha-se em sombras, as «Estrellas» brilham no céu e a Lua apparece cercada de uma aureola prateada. Essa escuridão, porém, nunca passa de 25 minutos: o Sol começa em pouco a brilhar pelo lado opposto ao em que principiou a «eclipsar-se», e bem depressa apparece de novo em todo o seu esplendor.

Nos casos de «eclipses parciaes», que são muito mais frequentes que os «totaes», a parte do Sol, que fica livre, apresenta a fórma de um crescente.

Algumas vezes tambem, e isto depende da distancia em que se acham justamente o Sol, a Lua e a Terra, a Lua cahe exactamente no centro do Sol, produzindo d'esse modo um anel luminoso em volta da parte escurecida; chama-se a isto um «eclipse annular».

XII

«Marte» que é menor 7 vezes que a Terra, está vez e meia distante do Sol do que o nosso globo, e effectua o seu giro em redor deste astro em 687 dias. Da combinação do seu movimento com o da Terra resulta passarmos de dois em dois annos, ou antes todos os 26 mezes, entre Marte e o Sol, atravessando aquella planeta pelo meridiano á meia noite.

Observada a telescopia a superficie de Marte apresenta tam-

atrefado, entregou-lhe inteiramente a educação dos filhos. Todas estas opposições não puderam entretanto demover-me de meus projectos, contribuíram mesmo para fortalecel-os.

Era em minha mãe que eu fundava todas as minhas esperanças, ella só podia e devia me auxiliar, ella por quem me achava ligado por todas as fibras do coração. Eu estava convencido de que meu pae acabaria por ceder, quando notasse a minha vocação.

Foi o que aconteceu; minha mãe foi a primeira a tomar o meu partido.

Meu pae consentio, e o velho e honrado tio a quem tanto devo e cuja memoria venero foi vencido afinal.

«Que Deus te abençoe e acompanhe teus passos!» foram as

ultimas palavras de minha mãe quando parti, e me affastei de seus carinhos para seguir só d'ahi em diante meu caminho por esse mundo glacial e indifferente. Eu ia a procura de um futuro desconhecido sem outro arrimo que não fosse eu, e era ainda quasi uma creança. Minha róta na vida não foi semeada de rosas; foi muitas vezes entre perigos e lagrimas que a percorri passo a passo, mas a benção de minha mãe me acompanhava.

Meu pae levou-me para Hamburgo. Tinham-lhe dado cartas de recommendação para uma grande casa de armadores, e dias depois eu era embarcado em um navio que partia para as Indias. Na vespera do dia do embarque, meu pae deixou-me.

XIII

A desproporção realmente consideravel, que se observa entre Marte e Jupiter e a dos outros planetas entre si preocupava desde muito os astrónomos e dava motivo a que se dedicassem á descoberta de novos astros, que se suppunham ali existir.

Em 1801 o astrónomo Piazzini descobriu, com effeito, e quasi que por acaso, um pequeno planeta que recebeu o nome de «Ceres»; quinze mezes depois Olbers descobre outro, «Pallas»; e em 1803 Harding encontra um terceiro, «Juno». Em 1807 Olbers ainda descobre um quarto, a que denomina «Vesta», o mais brilhante dos pequenos planetas.

Depois deste ultimo descobrimento passaram-se 38 annos, sem que dêsse pela existencia de novos astros, até que

## Recordações maritimas

—PELO—

MIRANTE WERNER

PRIMEIRA PARTE

primeira viagem por mar

I

ALMA

em uma pequena aldeia distante do litoral de cem leguas. Não adquiri, tão longe de uma notavel predilecção pela vida maritima? Não sei. Meu riacho cuja agua ser para o meu baptismo não causador por certo; elle é o rio que nunca deu agua á canoa. Não no qualquer criança, eu

manifestára muitas vezes inclinação pela minha futura carreira, a ideia germinou em mim longe de toda influencia exterior.

Os romances maritimos de Cooper e de Marryat, que li mais tarde, contribuíram certamente para fortalecer estas disposições e amadurecer esta ideia em meu cerebro.

Foi-me preciso lutar muito para chegar á realização dos meus sonhos e, durante muito tempo em casa, ninguem me quiz auxiliar.

Em começo meu pae nem que ria que se falasse nisso; meu tio, porém, sacudia a cabeça com ar inquieto.

Era um velho theologo que tinha grande influencia em casa de meus paes.

Meu pae, funcionario muito

em 1845 um amator de astronomia descobriu um quinto, «Astréa». D'ahi em diante os apparecimentos de novos planetas succedem-se tão amiudadamente que em 1862 contavam-se 62, e em 1881 este numero elevava-se a 220.

## O Poder da Vontade

OU

Carater, Comportamento e Perseverança

(Continuação)

### VI

Bem como o cirurgião inglez João Hunter, os grandes cirurgiões francezes Ambrosio Paré e Dupuytren nasceram em posições sociaes mui humildes. Na idade de tres annos, Dupuytren foi tomado a seus pais por uma illustre dama que desejava adoptal-o. Mas, apesar da sua grande pobreza, não quizeram elle separar-se do filho, que por conseguinte, lhes foi restituído. Chegado á adolescencia, Dupuytren, graças aos attractivos de sua pessoa e de suas maneiras, graças á sua obsequiosidade e ao seu bom comportamento, adquiriu numerosos amigos, e um d'estes teve a bondade de lhe proporcionar os meios de ir a Pariz estudar medicina. Ora, Dupuytren tinha a grande virtude de, concebida uma empreza, trabalhar indefessá e porfiosamente para a levar ao cabo, a despeito de todos os obstaculos que se lhe oppuzessem. Conta-se que na época em que elle estudava no collegio de la Marche, occupava com o camarada de esola, um quarto cuja mobilia consistia em uma mesa, tres cadeiras, e uma especie de cama em que os dous moços dormiam revezando-se. Os recursos de ambos eram tão diminutos, que muitas veses se viram elles obrigados a passar a pão e agua. Mas isto não impedia que Dupuytren perseverasse nos seus estudos e a melhor boa vontade, empregando e empre ao trabalho desde as quatro horas da madrugada. Nada diremos a respeito do gráu de eminencia a que el e se elevou; ninguém ignorará que nos ultimos annos de sua vida todos o reconheciam como o primeiro cirurgião do seu tempo.

### VII

Entre os homens illustres

que, por assim dizer, revestiram a pobreza de uma aureola de gloria, podemos citar José Fourier, filho de um alfaiate de Auxerre; Durant, professor de architectura na escola polytechnica, filho de um sapateiro de Pariz; Conrado Gesner, o naturalista, filho de um cortiador de couros de Zurich. Este ultimo, logo no principio da sua carreira, teve de lutar com todos os obstaculos provenientes da pobreza, da doença, do infortunio domestico: mas nada lhe abateu o animo nem lhe atalhou os progressos. Sua vida foi realmente uma prova de verdade d'esta maxima que «a quem tem boa vontade, por muito sobre-carregado que se ache de trabalhos, nunca falta o tempo.» Pedro Ramus nos mostra um character da mesma tempera. Filho de uma familia pobre da Picardia, viu-se elle obrigado, na sua infancia, a ser pastor de ovelhas. Mas não achando de modo algum do seu gosto esta occupação, Ramus fugiu para Pariz, onde, depois de haver soffrido muita miseria, conseguiu ser admittido como criado no collegio de Navarra. Este emprego, tão humilde como era, abriu-lhe a senda do saber, e dentro em pouco tempo tornou-se elle um dos homens mais sabios da sua época.

## O Fuzil Mauser

### Nomenclatura da arma

Abertura superior e inferior: a primeira, que se prolonga em toda a extensão do corpo da parte superior para á direita, facilita o movimento alternado do ferrolho e o carregamento do deposito; a segunda, de fórma rectangular situada na parte inferior, permite a entrada e saída dos cartuchos em o deposito.

Mesa do deposito: parte plana e saliente na superficie inferior do corpo, em que se vem apoiar a caixa do deposito.

Na parte interna do corpo central encontram-se:

Corrediças dos travadores na cabeça do ferrolho

Nervura central

Corrediça do extractor

Guias do resalto da cabeça do ferrolho

Alojamento de transportador

Corrediça dos travadores do ferrolho: grandes calhas abertas na parte interna da face esquerda do corpo por onde deslisa o resalto bi-partido da cabeça do ferrolho.

Nervura central: parede que separa as duas corrediças e se encaixa na fenda do resalto da cabeça do ferrolho.

Corrediça do extractor: superficie plana na face direita da abertura superior por onde deslisa o extractor quando se desloca o ferrolho.

Guias do resalto da cabeça do ferrolho: são as duas abas que separam as superficies internas do alojamento do ferrolho e do transportador e por onde deslisa o resalto da cabeça do ferrolho.

Alojamento do transportador: cavidade trapezoidal, situada na mesa, em que se recolhe o transportador em seu movimento ascendente.

Parte posterior. — Situada posteriormente ao corpo central envolve o ferrolho mantendo-o em seu alojamento.

No seu exterior notam-se:

Dorso

Receptor da lamina do carregador

Orelhas

Alojamento do dente de segurança

Alojamento da escora do deposito

Supportes do retem do ferrolho

Fenda do ejector

Encaixe do dente do retem do ferrolho.

Retem do ferrolho.

Dorso: parte escavada em que se descança a mão ao empunhar a alavanca.

Receptor da lamina do carregador: cavidade em angulos adocados, onde se introduz a lamina do carregador para encher o deposito.

Orelhas: appendices convexos que separam a abertura superior e o alojamento da lamina.

Alojamento do dente de segurança: orificio cylindrico em que se encaixa o dente de segurança.

Alojamento da escora do deposito: cavidades hemicylindricas ligadas por uma superficie plana situada na parte posterior da mesa e onde se introduz a escora do deposito.

Supportes do retem do ferrolho: saliencias rectangulares sobrepostas, situadas na face esquerda da parte posterior, onde existem orificios para o pino da charneira do retem do ferrolho.

Fenda do ejector: abertura estreita e alongada situada na face esquerda da parte posterior, onde se aloja o ejector.

Encaixe do dente do retem do ferrolho: abertura rectangular em seguimento da fenda e

onde se encaixa o dente do retem do ferrolho.

### Retem do ferrolho

Peça que, applicada externamente do lado esquerdo da parte posterior da caixa, foi charneira para se poder retirar ou fixar o ferrolho em seu movimento.

Consta das seguintes partes

Corpo

Ejector

Mola do retem e ejector

Pino do retem.

Corpo: prisma exterior, do em sua parte media o retem e que alojando a mais peças forma o retem propriamente dito.

Em sua parte se:

Fulcro estriado

Porca do pino

Alojamento da mola

Fenda do ejector

Encaixe dos supportes do retem.

Fulcro estriado: pequena saliencia em que se apoia o pollegar para destravar do retem o ferrolho.

Porca do pino: pequena saliencia cylindrica filetada internamente para segurar o pino

Alojamento da mola: cavidade rectangular que se observa na face externa, onde se encaixa a mola do retem.

Fenda do ejector: abertura estreita e longa que atravessa o corpo para receber o ejector

Encaixe dos supportes do retem: cavidade rectangular na face interna da parte posterior do corpo, onde se introduzem os dous supportes do retem para formar charneira com o retem.

Ejector: lamina de aço de fórma de leque que ficando saliente no alojamento do ferrolho detém bruscamente o corpo impellido-o para a direita do atirador quando este fuzilar o ferrolho. No ejector chama-se «dente» a parte anterior, atravessando a fenda na-se saliente na passagem do ferrolho; «pé», a parte posterior que se escora na mola e tem orificio para o pino da charneira do retem.

Mola do retem e ejector: lamina chata de aço que prende os dous «abas» salientes em «corrediças» de seu alojamento e pulsiona simultaneamente o retem e o ejector.

Pino do retem: eixo da charneira do retem que se aloja no seu alojamento atarrachado pela parte filetado.

No interior da «parte posterior» da caixa do mecanismo tam-se apenas as duas cor-